

Argeu, o Médico Perfeito

Vinicius Barros Leal

Maranguape teve um privilégio que só foi atribuído a bem poucas cidades do Ceará; foi pátria de um médico de vocação autêntica, que encontrou, na carreira que abraçou, o verdadeiro sentido de uma predestinação. Refiro-me ao Dr. Argeu Gurgel Braga Herbster. No início de sua vida, encaminhado por seus pais aos estudos eclesiásticos, abandonou-os próximo à meta final. Retomando os estudos, agora, na direção de seu legítimo chamamento, exerceu todo o seu talento e aptidão no sentido de tornar-se um médico completo. Na Escola de Medicina, recebeu profunda influência de grandes Mestres, tais como Miguel Couto e Annes Dias, tornando-se colaborador do último na elaboração das muito apreciadas "Lições de Clínica Médica". A modéstia de Argeu não permitia que ele se jactasse dessa legítima glória. Um estudante ser chamado por Professor de tal gabarito para auxiliá-lo em tão magnífica tarefa era motivo demasiado para autêntico e honesto orgulho. Mas, só com os mais íntimos Argeu comentava o fato. Como acadêmico, fez largo tirocínio no Hospital da Marinha no Rio de Janeiro, campo por demais propício para ensaiar os seus primeiros passos na Clínica. Destacou-se logo, pela dedicação e interesse que dispensava aos doentes entregues aos seus cuidados.

Os conhecimentos de humanidades hauridos no Seminário da Prainha serviram-lhe para fazer salientar os méritos, além de torná-lo capaz de compreender os motivos dos altos designios de Deus quando o encaminhou por esta senda.

Formado médico, com bastante bagagem científica, voltou à sua terra natal, ao encontro dos necessitados, dos sofredores, dos "seus doentes". Logo perdeu o pai e mesmo sob o peso de imensa responsabilidade de encargos de família, não se perturbou no exercício sereno de sua sempre crescente clínica.

Entendeu que o Médico tinha que ser completo, de dedicação exclusiva; por isso, jamais quis empregos. E as ofertas espontâneas não lhe faltavam, pelo reconhecimento unânime de suas excepcionais qualidades. Teria qualquer colocação, bastaria demonstrar o seu desejo. Mas, fiel ao seu intento, cumpriu o anseio de ser unicamente Médico e não um burocrata de consultório.

Durante longos anos foi escravo de seus pacientes, dos que o procuravam para alívio das aflições corporais e, muitas vezes, espirituais também. Todos tinham a certeza de um acolhimento humanitário, de uma atenção benévola e, especialmente, da breve cura de seus males. Sem horários para o sono ou para as refeições, entregou-se de corpo e alma aos necessitados de ajuda da ciência médica de todas as classes. Sem visar a recompensas maiores, bastava-lhe a certeza do dever cumprido.

Possuo dezenas de bilhetes seus, verdadeiras transparências de suas qualidades excepcionais, transbordantes dos atributos de seu coração. São pedidos de encaminhamento de doentes carentes de recursos para tratamentos especializados, internamentos no Hospital da Faculdade, cousas que não poderiam ser providenciadas em sua própria cidade.

Os recomendados a exames especiais voltavam com os laudos apenas para confirmar um diagnóstico já feito por ele. Não faltava ao Argeu essa peculiaridade hoje tão rara nos médicos, de, pelo exercício de uma bem feita anamnese ou pela prática semiótica correta, poder, após um atento exame, oferecer um diagnóstico correto. Era capaz de determinar qualquer estado mórbido depois de meia hora de exame realizado com método, perspicácia e sem pressa. Via com penetração, observava com olhos de um crítico perfeito, possuía o tão cobiçado "olho clínico". Podia ajuizar o significado real de qualquer alteração dos sons cardíacos ou pulmonares, de estertores, timpanismos ou outros sinais estetacústicos. Sabia interpretar resultados de quaisquer laudos dos mais sofisticados instrumentos modernos auxiliares do diagnóstico, utilizados entre nós. Argeu tinha os sentidos aguçados e aperfeiçoados pelo constante exercício; ao lado disso, a sua atualização médica jamais foi descuidada. Frequentava quantos Cursos fossem realizados no Centro Médico, vindo, cada noite, após sua estafante obrigação em Maranguape, assistir as aulas de Professores convidados do Rio ou de São Paulo. Aproveitava, terminada a conferência, mesmo que fosse depois de meia noite, para visitar doentes ou amigos. E como era recebido nessas casas! Todos queriam homenageá-lo, não importava a intempestividade do horário. Era o seu ritmo de vida. As poucas horas que poderia dispor para um sono reparador, 2 a 3 vezes por semana eram roubadas para

a leitura dos velhos autores ou de Revistas de atualização recentemente recebidas.

Em seu consultório exercia a Medicina integral, vendo o paciente como um todo, praticando a velha e honrosa Clínica Geral, sem restringir jamais a sua ação de médico a um departamento único do corpo humano ou na especialização restrita de um aparelho ou sistema.

Nos últimos anos, tendo oportunidade de dirigir um Hospital em sua terra, dedicou-se com entusiasmo a essa verdadeira Escola de Medicina. Na cabeceira do doente, muitas vezes, aproveitava a oportunidade para ministrar verdadeiras aulas aos que o auxiliavam, jovens médicos e enfermeiras. E os doentes, tanto quanto os discípulos, apreciavam aquelas preleções, porque eram acompanhadas de toda a discrição e lhanza de trato.

Infelizmente, esses dons de que tanto Argeu se beneficiou e a tantos favoreceram, causando admiração e trazendo-lhe fama além fronteiras, finaram-se também com ele. Esses predicados são incomunicáveis, mas, colocados ao conhecimento dos que ainda se preparam para o exercício da nobre missão de curar, podem modelar os seus espíritos, manifestando melhores vocações, influenciando futuros médicos a se tornarem pessoas cujas existências sejam também bênçãos de Deus, como foi a do Mestre e sábio Argeu. Amigo dedicado, a quem me ligavam laços de consangüinidade, era, sobretudo, o profissional competente, um verdadeiro sacerdote da Medicina.

Merece, pois, Argeu, uma perene lembrança dos que tiveram o privilégio de sua amizade, o companheirismo do colega, o conforto de sua ciência e a graça de seu convívio.